



CCB

CONCERTO DE NATAL

Divino
Sospiro

14 Dezembro '08 | Grande Auditório / 17H | M/6 anos

Co-produção CCB/Divino Sospiro / orquestra em residência no CCB

CONCERTO DE NATAL

Divino
Sospiro

ENRICO ONOFRI DIRECÇÃO

SOLISTAS

RAQUEL ALÃO SOPRANO

ROMINA BASSO MEIO-SOPRANO

MARCO ALVES DOS SANTOS TENOR

HUGO OLIVEIRA BAIXO

GRUPO VOCAL OFFICIUM

PEDRO TEIXEIRA DIRECÇÃO

Programa

Arcangelo Corelli (1653-1713)

Concerto grosso n.º 4 em Ré maior, op. 6

Antonio Vivaldi (1678-1741)

Gloria, RV 589

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Cantata Christen, ätzet diesen Tag, BWV 63

CCB > CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO > ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL]
CENTRO DE ESPECTÁCULOS > DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA ADJUNTA
PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS DIRECÇÃO
DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO PAULO BARBOSA | JOÃO OLIVEIRA | INÊS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA
BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | ESTAGIÁRIA
TÂNIA AFONSO | ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA ALVES DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA
| CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAUL
SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA
| RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO
NASCIMENTO | LUÍS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY
TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

LEMBRAMOS QUE NÃO É PERMITIDA QUALQUER GRAVAÇÃO DE SOM OU IMAGEM NÃO AUTORIZADA, E PEDIMOS O FAVOR DE
DESLIGAREM OS VOSSOS TELEMÓVEIS. **INFORMAMOS QUE ESTE CONCERTO ESTÁ A SER GRAVADO. POR ESTE MO-
TIVO SOLICITAMOS QUE EVITE PRODUZIR QUALQUER RUIDO QUE POSSA PERTURBAR A CONCENTRAÇÃO DOS
MÚSICOS E AFECTAR A AUDIÇÃO MUSICAL. AGRADECEMOS A VOSSA COLABORAÇÃO.**



ARCANGELO CORELLI

(Fusignano, 17 de Fevereiro de 1653 – Roma, 8 de Janeiro de 1713)

Concerto grosso n.º 4, em Ré maior, op. 6

A imensa originalidade de Corelli facilmente passa despercebida. Isto porque as inovações, que ao seu tempo introduziu, rapidamente se tornaram regra para os compositores da geração seguinte, nomeadamente através do estilo que a sua obra, toda ela instrumental, demonstrava. Um desses compositores, o italiano F. Geminiani (1687-1762), seu aluno, terá mesmo afirmado numa carta ao reverendo T. Twining (1735-1804) que “o seu mérito não residia tanto na riqueza da invenção melódica e harmónica, mas no seu ouvido e gosto delicados, o que o levava a escolher as melodias e harmonias que produzissem o mais belo efeito sobre o ouvido”.

Ao longo do século XVII, Roma torna-se um centro cultural de excelência na medida em que a Igreja investia somas exorbitantes para reforçar o seu poder e propagar mais eficazmente a fé. Esta dinâmica de afirmação absoluta ganhava forma no apelo aos sentidos, pelo que eram construídas novas igrejas sumptuosamente decoradas e cuja correspondência musical acontecia principalmente nos géneros vocais como a oratória, a cantata sacra ou até mesmo a ópera. Não obstante, também a música instrumental tomava parte neste encantamento e é neste contexto que Corelli desponta, não só como violinista, fazendo parte ou liderando as orquestras que executavam as oratórias, como através das suas composições apresentadas nos intervalos daquelas. A fama de violinista irá permitir-lhe ter como patronos as personalidades mais decisivas do panorama cultural romano. Em 1679 entra ao serviço da rainha Cristina da Suécia (1626-1689) a

quem dedica o seu primeiro conjunto de obras (op. 1). Exilada em Roma desde 1654, foi das mais importantes mecenas das artes do século XVII e as academias que promovia no seu Palazzo Riario terão, muito provavelmente, constituído a ocasião para as primeiras audições da música de Corelli. Já nos anos oitenta o seu principal patrono passa a ser o cardeal Pamphili (1653-1730) e é a ele que dedicará as *Sonate*, op. 2, em 1685. O terceiro foi o cardeal Pietro Ottoboni (1667-1740), já na década seguinte. Neste período já não é só a mestria do instrumentista que chama a atenção. Passa a ser conhecido também através da música que escreve. Para além disso tinha já ganho imensa fama como professor de violino atraindo alunos de toda a Europa, para além dos italianos. Quando, em 1708, se retira da vida pública e se dedica apenas à composição e à revisão de obras anteriores, o seu estatuto é o de um músico de enorme sucesso. A disseminação da sua obra, por via da crescente dinâmica editorial, fez dele o compositor que regista mais obras reeditadas até ao tempo de J. Haydn, através dos principais géneros a que se dedicou como a *sonata da camara* e *da chiesa*, para além do *concerto grosso*. A música destes reflecte justamente a visualidade barroca romana, ou se quisermos a teatralidade barroca, já que participa de uma fluência musical baseada numa dinâmica de pergunta resposta entre o *concertino* (pequena orquestra), constituído normalmente por dois solistas, e o *concerto grosso* (orquestra grande) acompanhada por baixo contínuo. Esta denominação, que com Corelli tinha um significado essencialmente descritivo do contraste visual e sonoro,

transformar-se-á na forma principal para a escrita orquestral do barroco tardio. O seu exemplo foi seguido por todos os compositores principais desta época, como A. Vivaldi (1678-1741), J. S. Bach (1685-1750) e G. F. Handel (1685-1759).

A ligação do compositor com as esferas elevadas da cultura, política e religião romanas relaciona-se directamente com os *Concerti grossi*, op. 6. O facto da sua edição ter sido dedicada ao eleitor-palatino Johann Wilhelm (1658-1716), uma das figuras de destaque do Sacro Império Romano, deve-se à intervenção do cardeal Ottoboni. Isto ganha especial relevo numa altura em que o xadrez político internacional conhece uma situação tão tensa como a da Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1713/1715) e em que à Igreja interessava manter uma boa relação com todas as partes. O cardeal, ao conseguir a aprovação do eleitor em 1712 para que a obra lhe fosse dedicada, efectuou assim uma operação diplomática de charme ao mais alto nível e por intermédio da música de Corelli. A publicação da obra ocorre postumamente

no ano de 1714 em Amesterdão e deve-se a Estienne Roger (c. 1665-1722), o mais importante editor da primeira metade do século XVIII que já havia começado a colaboração com o compositor em 1695. É portanto através de Amesterdão que a música de Corelli é difundida para toda a Europa. É impossível datar correctamente a composição dos doze *Concerti* já que, de facto, as únicas balizas cronológicas concretas são aquelas já citadas sendo, no entanto, provável que as obras ali contidas datem de tão cedo quanto a década de 1680. Se hoje em dia o estilo de Corelli poderá parecer previsível não o era no seu tempo. Com a intenção de demonstrar as possibilidades técnicas e tímbricas do violino, como o próprio afirmou, surpreendia as audiências suas contemporâneas com a teatralidade de uma orquestra dividida em dois grupos, cujas intervenções contrastavam também através das dinâmicas e do sincronismo dos músicos o que, modernamente, é esperado de qualquer orquestra. Todos estes elementos dão a Corelli o estatuto de fundador do estilo e formas correntes no barroco tardio.

ANTONIO VIVALDI

(Veneza, 4 de Março de 1678 – Viena, 28 de Julho de 1741) | *Gloria*, RV 589

É sobretudo a partir da década de 1920 que a obra de Vivaldi passa a ser conhecida. Até aí apenas um grupo restrito de musicólogos tinha tido acesso a uma pequena parte da dimensão monumental do legado de um compositor que deve a sua fama actual ao facto de ter sido uma grande influência para alguém como J. S. Bach. A chamada *bachmania*, que consistiu na redescoberta durante o século XIX da obra deste mestre, levou a que os musicólogos se fossem apercebendo da importância de Vivaldi na obra do alemão

e na música de todo o barroco tardio. A admiração que Bach nutria por Vivaldi decorre justamente do facto das edições das obras deste terem sido publicadas por Estienne Roger, que assim continuava a disseminar a música italiana e veneziana para a Alemanha. Tendo sido completamente esquecido após a sua morte, e só plenamente recuperado já no século XX, é natural que existam ainda muitas lacunas no conhecimento sobre o percurso do veneziano o que torna muito difícil a datação da maior parte da sua

obra. *Gloria*, RV 589 é uma das três Glorias que Vivaldi terá escrito para o Pio Ospedale della Pietà em Veneza. Este internato para crianças órfãs e sem recursos assinala o primeiro e mais importante posto profissional que Vivaldi ocupou a partir de 1703, ano em que foi ordenado sacerdote. O ensino da música era uma das componentes mais importantes da formação oferecida por aquele estabelecimento o que permitia a existência de uma orquestra permanente sempre com necessidade de renovação de repertório. No tempo em que ali serviu como *maestro di violino*, descontinuadamente entre 1703 e 1739, teve oportunidade de se tornar um dos compositores mais prolíferos da história tendo como recursos musicais as *figlie di coro* e as *figlie privilegiate*, dizendo estes dois grupos respeito às raparigas dotadas para a música e aquelas com um especial talento musical. Desta forma não havia homens envolvidos nos concertos daquele Ospedale, cuja fama percorria já a Europa quer pela qualidade das execuções, quer pelo facto da orquestra e coro tocarem por detrás de uma rede metálica que tornava impossível o público vislumbrar as *figlie* músicas? Os concertos do Ospedale concorriam assim como mais uma extravagância barroca que Veneza oferecia aos seus inúmeros visi-

tantes. O único elemento do sexo masculino seria mesmo o *maestro di coro*, cargo para o qual Vivaldi nunca foi oficialmente conduzido mas que, todavia, ocupou entre 1713 e 1717 e, mais tarde, entre 1737 e 1739. Terá sido nestes dois períodos que escreveu a maior parte da sua música sacra, incluindo esta *Gloria*. O texto desta rubrica da missa é tratado musicalmente através da separação em vários andamentos, de resto, uma opção que permite a elaboração expressiva e individualizada dos aspectos mais significativos do conteúdo literário de modo a comover. A introdução, *Gloria in excelsis Deo*, de contorno grandioso, faz-se através de um motivo de oitava ascendente nas cordas com grande vigor rítmico o que contrastará com o tempo lento de *Et in terra pax*, logo de seguida. A técnica concertante não podia faltar numa obra do veneziano e *Laudamus-Te* evidencia-o pela alternância do *ritornello* e os episódios solísticos dos dois sopranos. Depois da fuga de *Propter magnam gloriam tuam* é a vez de *Domine Deus* surgir como uma ária apresentada pelo oboé que acompanha a longa melodia do soprano em métrica ternária de siciliano. O penúltimo andamento, *Quoniam tu solus Sanctus*, recapitula a introdução para depois a obra terminar numa fuga para *Cum Sancto Spiritu*.

JOHANN SEBASTIAN BACH

(Eisenach, 21 de Março 1685 – Leipzig, 28 de Julho 1750)
Cantata Christen, ätzet diesen Tag, BWV 63

A música protestante tem em Bach o seu maior cultor. A diversidade artística que demonstra nos diversos géneros musicais religiosos para que escreve consigna-lhe essa superioridade relativamente aos outros compositores do barroco tardio, sobretudo pela mestria com que instrumentaliza os di-

ferentes idiomas musicais para funções tão específicas como, por exemplo, o lugar que as cantatas ocupavam na liturgia luterana. No campo específico da história da cantata na Alemanha, o seu apogeu culmina precisamente com Bach e o seu percurso entende-se como estando dentro da ideia geral do

luteranismo de aproximar a Igreja dos fiéis através da elucidação do texto bíblico. A sua posição na missa acontecia logo após a leitura do Evangelho e antes do sermão e do credo, o que conferia à assembleia uma contextualização bastante eficaz: o facto da cantata desde sempre apresentar uma sequência de coros e passagens solísticas reforçava não só a ideia de comunhão entre os fiéis e Deus, já que a assembleia conhecia e cantava o repertório coral utilizado, como dava expressão à fé individual de um modo contemplativo. Os textos contidos na cantata tinham como inspiração uma só fonte - a Bíblia - que, através da criatividade dos libretistas, era expandida numa retórica que justapunha hábil e poeticamente as ideias das Escrituras fazendo então parte integrante do Próprio da Missa, ou seja, as passagens eram escolhidas em função de um determinado dia. No caso da Cantata n.º 63 esse dia era o Natal. Por outro lado há que considerar que o período áureo da cantata luterana, na primeira metade do século XVIII, se relaciona com a ideia de sistematização dos textos em função de ciclos anuais - entre o primeiro domingo após a Trindade e o domingo de Trindade - que parte do poeta e teólogo E. Neumeister (1671-1756) que escreveu, entre 1695 e 1742, nove ciclos de textos de cantatas para todos os domingos e festividades do ano litúrgico. Outros poetas seguirão este exemplo que deixava aos compositores a possibilidade de escolha desses textos, já organizados, para tratá-los musicalmente. Bach utilizou os de Neumeister para algumas das suas cantatas (18, 24, 28, 59, 61), mas não para a n.º 63. Para além desta inovação, Neumeister utiliza também formas poéticas relativas às formas musicais de grande sucesso na época, como eram a ária e o recitativo, chegando mesmo a afirmar que uma cantata era uma "...peça extraída de uma ópera". É em Leipzig que Bach tem pela primeira

vez na vida a oportunidade de escrever ciclos completos de cantatas. Realizará cinco de que resultaram cerca de trezentas cantatas tendo grande parte sido perdida nos dias de hoje. Ao assumir oficialmente as funções de Kantor daquele município, em Maio de 1723, tinha já muito pouco tempo para começar a elaborar o primeiro ciclo já que este começaria no fim desse mês. Esse ciclo iniciou-se então com a Cantata n.º 75 e é dele que a Cantata n.º 63 faz parte. Era portanto de todo o interesse do compositor que ela resultasse da melhor forma possível, sobretudo porque se tratava do primeiro dia das festividades natalícias (25 de Dezembro). Note-se que este era apenas o primeiro dia de uma série de festividades que assinalam muito significativamente a capacidade de trabalho, à boa maneira protestante, de Bach. A lista é verdadeiramente impressionante: Cantatas n.ºs 40 e 64 para os dias de S. Estêvão e S. João Evangelista, nos dois dias seguintes; n.º 190 para o Ano Novo; n.º 153 para o domingo de Ano Novo (2 de Janeiro); n.º 65 para a Epifania (6 de Janeiro); e n.º 154 para o domingo seguinte (9 de Janeiro). A partir daqui os serviços semanais normais seriam retomados. Acrescente-se ainda que no próprio dia de Natal, para além da cantata que aqui se apresenta, ainda durante a missa que acontecia durante a manhã, Bach apresentava o *Sanctus* em Ré maior (BWV 238). Já ao fim da tarde era a vez do *Magnificat* (BWV 243a) para o Ofício de Vésperas. Isto quer dizer que, num espaço de cerca de duas semanas, o compositor apresentou em Leipzig nove obras originais.

As leituras para a Epístola e para o Evangelho para a missa do dia de Natal de 1723 como que emolduravam o texto original da cantata que, segundo as autoridades de Leipzig, não podia durar mais do que trinta minutos. Bach raramente excedeu esta duração nas

suas cantatas e esta cumpre bem esse requisito (c. 27 min.). A Epístola dizia respeito ao Livro de Tito 2: 11-14 (*Aguardando a realização da esperança*) e ao de Isaías 9: 2-7 (*Uma luz nas trevas*). De seguida seria apresentada a Cantata n.º 63, cujo texto, *Cristãos, gravem este dia*, tem a autoria provável de J. M. Heineccius (1674-1722), conferindo assim um efeito de diversidade à liturgia. Seguiu-se a leitura do Evangelho de S. Lucas 2: 1-14 (*O nascimento de Jesus*). A elaboração musical do texto da cantata segue um esquema formal de simetria entre os sete andamentos sendo que estes participam das formas operáticas em voga na época. Assim o quarto andamento, o recitativo *So kehret sich nun heut*, é ladeado por dois duetos que, por sua vez, são antecedidos e seguidos por dois recitativos. A emoldurar este conjunto estão os dois coros, inicial e final. A simetria faz parte do discurso musical de Bach dando conta, no caso da música sacra, de uma abordagem cujo racionalismo serve de veículo à espiritualidade mostrando como a teatralidade barroca é assumida pelo maior expoente da música protestante. **JOÃO PEDRO LOURO**

Gloria, RV 589

Gloria

Gloria in excelsis Deo.
Et in terra pax
hominibus bonae voluntatis.

Laudamus te.
Benedicimus te.

Adoramus te.
Glorificamus te.

Gratias agimus tibi,
propter magnam gloriam tuam.

Domine Deus, Rex coelestis.
Deus Pater Omnipotens.

Domine Fili
unigenite Jesu Christe.

Domine Deus, Agnus Dei,
Filius Patris.

Qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.
Qui tollis peccata mundi,
suscipe deprecationem nostram. >

Glória

Glória a Deus nas alturas.
E paz na terra
aos homens por Ele amados.

Nós Vos louvamos.
Nós Vos bendizemos.

Nós Vos adoramos.
Nós Vos glorificamos.

Nós Vos damos graças,
Por Vossa imensa glória

Senhor Deus, Rei dos céus
Deus Pai Todo-Poderoso.

Senhor Jesus Cristo
Filho Unigénito.

Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho de Deus Pai.

Vós que tirais o pecado do mundo,
Tende piedade de nós;
Vós que tirais o pecado do mundo,
Acolhei a nossa súplica. >

> Qui sedes ad dexteram Patris,
miserere nobis.

Quoniam, tu solus sanctus.
Tu solus Dominus.
Tu solus Altissimus,
Jesu Christe.

Cum Sancto Spiritu
in gloria Dei Patris.
Amen.

> Vós que estais à direita do Pai,
Tende piedade de nós

Só Vós sois o Santo;
Só vós o Senhor;
Só vós o Altíssimo,
Jesus Cristo.

Com o Espírito Santo,
Na Glória de Deus Pai.
Ámen.

Cantata Christen, ätzt diesen Tag, BWV 63

1. Chor

Christen, ätzt diesen Tag
In Metall und Marmorsteine!
Kommt und eilt mit mir zur Krippen
Und erweist mit frohen Lippen
Euren Dank und eure Pflicht;
Denn der Strahl, so da einbricht,
Zeigt sich euch zum Gnadenscheine.

2. Rezitativ

O selger Tag! o ungueines Hoje,
An dem das Heil der Welt,
Der Schilo, den Gott schon im Paradies
Dem menschlichen Geschlecht verhiess,
Nunmehr sich vollkommen dargestellt
Und suchet Israel von der Gefangenschaft
und Sklavenketten
Des Satans zu erretten.
Du liebster Gott, was sind wir arme doch?
Ein abgefallnes Volk, so dich verlassen;
Und dennoch willst du uns nicht lassen;
Denn eh wir sollen noch nach dem Verdienst
zu Boden liegen,
Eh muss die Gottheit sich bequemen,
Die menschliche Natur an sich zu nehmen
Und auf der Erden
Im Hirtenstall zu einem Kinde werden.
O unbegreifliches, doch seliges Verfugen!

1. Coro

Cristãos, gravai este dia
Em metal e em mármore!
Apressai-vos e vinde comigo à manjedoura
E cantai com jubilosos lábios
O vosso agradecimento e a vossa devoção;
Porque o raio que ali irrompe
Apresenta-se como a luz da Graça.

2. Recitativo

Ó dia santo! Ó dia extraordinário,
Em que o Salvador do mundo,
O Messias, que já no Paraíso Deus prometeu
Aos homens
Se revela agora em toda a sua plenitude
E procura libertar Israel do cárcere e da
escravidão
De Satanás.
Deus amado, o que somos, pobres de nós?
Um povo que te renegou e abandonou;
E todavia não quiseste odiar-nos;
E em vez de no chão nos prostrarmos
Pelos nossos pecados,
Deus condescendeu
Em tornar-se homem
E na terra criança se tornou
Num estábulo de pastores!
Ó insondável, mas ditosa decisão!

3. Arie (Duett)

Gott, du hast es wohl gefüget,
Was uns itzo widerfährt.
Drum lasst uns auf ihn stets trauen
Und auf seine Gnade bauen,
Denn er hat uns dies beschert,
Was uns ewig nun vergnüget.

4. Rezitativ

So kehret sich nun heut
Das bange Leid,
Mit welchem Israel geängstet und beladen,
In lauter Heil und Gnaden.
Der Löw aus Davids Stamme ist erschienen,
Sein Bogen ist gespannt, das Schwert ist
schon gewetzt,
Womit er uns in vor'ge Freiheit setzt.

5. Arie (Duett)

Ruft und fleht den Himmel an,
Kommt, ihr Christen, kommt zum Reihem,
Ihr sollt euch ob dem erfreuen,
Was Gott hat anheut getan!
Da uns seine Huld verpfleget
Und mit so viel Heil beleget,
Dass man nicht g'nug danken kann.

6. Rezitativ

Verdoppelt euch demnach, ihr heißen
Andachtsflammen,
Und schlägt in Demut brünstiglich
zusammen!
Steigt fröhlich himmeln an
Und danket Gott vor dies, was er getan!

7. Chor

Höchster, schau in Gnaden an
Diese Glut gebückter Seelen!
Laß den Dank, den wir dir bringen,
Angenehme vor dir klingen,
Laß uns stets in Segen gehn,
Aber niemals nicht geschehn,
Dass uns der Satan möge quälen

3. Ária (Dueto)

Deus, Tu decidiste
O nosso caminho.
Por isso, confiemos sempre n'Ele
E na Sua misericórdia,
Pois Ele nos concedeu
A salvação eterna.

4. Recitativo

Eis que hoje
O ansioso sofrimento,
Que angustiava e oprimia Israel,
Se transformou em pura salvação e graça.
O Leão, filho de David, chegou
O seu arco está armado, a sua espada afiada,
E com eles nos devolverá a liberdade.

5. Ária (Dueto)

Clamai e implorai ao Céu,
Vinde, cristãos, vinde em procissão,
Rejubilai-vos
Com a obra de Deus!
A Sua Misericórdia sustenta-nos
E concede-nos a esperança da Salvação,
Que jamais agradeceremos o suficiente.

6. Recitativo

Uni-vos, ardentes chamadas devotas,
E juntai as vossas forças com humildade!
Subi com alegria aos céus,
E dai graças a Deus por tudo o que Ele fez!

7. Coro

Altíssimo, sê indulgente
Com o ardor destas almas humildes!
Que as graças que te trazemos
Te soem agradáveis.
Deixa-nos ir sempre com a tua bênção,
E nunca aconteça
Que Satanás nos atormente.

TRADUÇÃO : Mafalda Melo Sousa

ROMINA BASSO > Nasceu em Gorizia. Estudou no Conservatório de Veneza B. Marcello e obteve a licenciatura em Literatura Italiana na Universidade de Trieste. Frequentou as *master-classes* de Peter Maag e Regina Resnik, Rockwell Blake e Claudio Desderi, Elio Battaglia e Claudio Strudthoff, especializando-se no repertório barroco e de Rossini. Foi vencedora de vários concursos nacionais e internacionais (Rogger, Seghizzi, Palma d'Oro, Citta' di Conegliano, Modena Musica, Toti dal Monte, As.Li.Co. and Placido Domingo's Operalia). Actua regularmente em Itália e na Europa (Austria-Wiener Konzerthaus, Belgium-La Monnaie, Palais des Beaux Arts, Brugge Festival, France-Festival of Avignon, La Folle Journée-Nantes, Opéra de Montpellier, Paris-Cité de la Musique, Salle Pleyel e Théâtre des Champs Élysées, Opéra de Bordeaux, Germany-Muencher Filarmonie, Speyer Festival, Schwabisch gmund Festival, England-Glyndebourne Festival Opera, Barbican Centre, Festival de Edimburgo, Birmingham CBSO, Espanha – Palau de la Música de València, Auditorium Nacional de Madrid, Capella de El Pardo e Teatro Real, Sociedad Filarmonica e Teatro Arriaga em Bilbao, Catedral de Sevilha, Auditorium Nacional em Granada, Holanda - Utrecht Early Music Festival, Polónia - Festival Misteria Pachelia, Hungria - Budapeste Instituto Italiano di Cultura), e por todo o mundo (Japão - Kobe e Tóquio, Austrália - Melbourne International Arts Festival) colaborando com orquestras e grupos de câmara como Concerto Italiano, Europa Galante, Il Complesso Barocco, Accademia Bizantina, Venice Baroque Orchestra, Modo Antiquo, La Risonanza, Ricerca Consort, Ensemble 415, Orchestra of The Age of Enlightenment, Cappella della Pietà de Turchini, ORT, Birmingham Symphony Orchestra, ORT, Muencher Rundfunk. Cantou sob a batuta de prestigiados maestros, nomeadamente Peter Maag (*Fausto*), Marcello Viotti (*Italiana in Algeri*), Jordi Savall (*Orfeo, Madrigali guerrieri et amorosi*), Alan Curtis (*Lotario, Rodelinda, Tolomeo, Dido e Eneias*), Rinaldo Alessandrini (*La Vergine dei Dolori*), Fabio Biondi (*La Santissima Annunziata, Bajazet, Ercole sul Termodonte, A Flauta Mágica*), P. McCreesh e E. Haim (*Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*), Philippe Pierlot (*Il Ritorno di Ulisse, Dido e Eneias*), Andrea Marcon (*Orlando Furioso, Andromeda Liberata, Atenaide, L'Olimpiade, Missa em Dó menor, Messias*), Antonio Florio (*Stabat Mater, Salve Regina*), Frans Bruggen (*Requiem KV 626*), Daniele Gatti (*Manon Lescaut*), Alain Guingal (*Les Dialogues des Carmelites*), Vladimir Jurowski e Sir Charles Mackerras (*A Flauta Mágica*), Tiziano Severini (*Ginevra di Scozia, Requiem KV 626*), Ottavio Dantone (*Le Comte Ory, Ascanio in Alba, Annibale in Torino, Tito Manlio*). As suas interpretações foram transmitidas pela Italian National Rádio, RAI, e RadioTre Suite, BR Bavarian Radio Classic, British BBC3, Australian ABC, ORF1 ao vivo do Wiener Konzerthaus, Radio France/Arte e ARVO ao vivo do Amsterdam Concertgebouw. Gravou para as etiquetas

Bongionvanni, Kikko Classic (*Zanetto* de Mascagni), Mirare, e para a Deutsche Grammophon – Archiv *Moteczuma* de Vivaldi e *Tolomeo* de Handel com *Il Complesso Barocco* dirigido por Alan Curtis, para a Fuga & Ricerca *Notturmi per i defunti* de Porpora, para a Glossa *Cantate Italiane* de Handel e para a Naïve Classique *Atenaide* de Vivaldi.

HUGO OLIVEIRA > Nascido em 1977, iniciou a sua formação musical aos 6 anos no Instituto Gregoriano de Lisboa. Iniciou os seus estudos de canto em 1993 com a professora Elsa Cortez. É licenciado em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, tendo estudado com Helena Pina Manique e Luís Madureira. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, frequenta o mestrado no Departamento de Música Antiga no Real Conservatório de Haia (Holanda), onde estuda com Jill Feldman. Frequentou *master-classes* com os professores Udu Reinemann, Michael Chance, Linda Hirst, Richard Wistreich, Elizabeth Bentson-Opitz, Richard Miller, Gottfried Wagner, Jeff Cohen, Hilde Zadek e Peter Harrison. Trabalha ainda regularmente com David Wilson-Johnson e Ronald Klekamp. Foi membro do Coro Gulbenkian e do Coro Gregoriano de Lisboa. É solista do Grupo Vocal Olissipo. Actualmente trabalha também com o Coro de Câmara da Holanda (Nederlands Kamerkoor). Estreou-se como solista, em 1997, na obra *Passio* de Arvo Pärt no papel de Jesus a convite do grupo inglês Hilliard Ensemble. Participou ainda em concertos com diversas orquestras, como Remix Ensemble, Capela Real, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Segréis de Lisboa, Sinfonia B e Sinfonietta de Lisboa, tendo interpretado obras como o *Requiem* de Fauré, cantatas de J. S. Bach, *Paixão segundo S. Mateus* de Schütz (*Jesus*), o *Messias* de Handel, a *Missa Nelson* de Haydn, a *Missa em Dó menor* de Mozart, *Petite Messe Solennelle* de Gioacchino Rossini, *Pulcinella* de Igor Stravinski (dirigida por Marin André) e *Jephte* de G. Carissimi (dirigido por Michel Corboz). Em ópera interpretou o papel de *Time* na ópera *The Triumph of Time and Truth* de Handel e de *Figaro* na ópera *As Bodas de Figaro* de Mozart. Participou ainda na ópera *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa, no papel de Damião de Góis, uma co-produção de Roterdão 2001 e Porto 2001 dirigido por Stefan Asbury. Recentemente interpretou o papel de Adónis em *Venus and Adonis* de John Blow, dirigido por Nigel North, Foi cantor do Estúdio de Ópera do Porto – Casa da Música, tendo integrado as óperas *Joaz* de Benedetto Marcello, no papel de Azaria (2001) e *Jojada* (2003), *L'Ivrogne Corrigé* de Gluck, como Lucas, e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber com coreografia de Paulo Ribeiro e direcção de Pierre-André Valade. Em Outubro próximo participará no projecto da Academia Barroca do Festival de Ambronay onde interpretará o papel de La Discorde na ópera *Les Arts Florissants* de Marc-Antoine Charpentier, dirigida por Christophe Rousset.

RAQUEL ALÃO > Natural de Lisboa e licenciada em Professores de Educação Musical do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação de Setúbal, Raquel Alão é coralista convidada do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, desde 2006; e coralista *freelancer* do Netherlands Kamerkoor, desde 2007. Concluiu, em 2004, o Curso de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional, onde estudou sob a orientação da professora Filomena Amaro, com a classificação final de 20 valores. Participou no VII Concurso Nacional de Canto Luísa Todí, onde foi galardoada com o 3.º Prémio para Voz Feminina. Foi solista na *Missa em Sol* de Caldara; *Missa Brevis em Sol M*, *Spatzen-Messe* e *Benedictus sit Deus* de Mozart; *In nativitatem canticum* de Charpentier; *Christus natus est* de Du Mont, com o Coro de Santa Maria de Belém; *Gloria* de Vivaldi, com o op. 21; *Lauda Sion* de Mendelssohn, *Exultate Jubilate* e *Missa Brevis em Fá M* de Mozart, com o Coro da Universidade Nova de Lisboa, sob a direcção de João Valeriano; na cantata *Nulla in mundo pax sincera* de Vivaldi, com a orquestra Divino Sospiro; *A Sea Symphony* de Vaughan Williams, com o Coral Lisboa Cantat, sob a direcção de Jorge Alves; e na cantata célica *Carmina Burana*, de Carl Orff, com Leonardo Neiva e Carlos Guilherme, sob a direcção de Günter Neuhold, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Na ópera foi Amor na versão de concerto de *Orfeo ed Euridice* de Gluck; Flaminia na estreia moderna de *Il Mondo della Luna* de Pedro Avondano, no âmbito do Atelier de Ópera da Escola de Música do Conservatório Nacional; e Euridice em *La Descente d'Orphée aux Enfers* de Charpentier, sob a direcção de António Carrilho. Em Setembro de 2006 foi Königin der Nacht em *Die Zauberflöte*, no Festival Rota dos Monumentos na Cidadela de Cascais, com Keel Watson no papel de Sarastro e direcção de Jean Bernard Pommier, e em Fevereiro, Março e Maio de 2008 retomou o papel n.º 1 'A *Flauta Mágica* para jovens, no Teatro Nacional de São Carlos, sob a direcção de Cesário Costa e com Dieter Schweikard no papel de Sarastro. Em Outubro de 2005 interpretou os *Notturmi* a três vozes e três *corni di bassetto* de Mozart, com o Trio Stadler, Maria Luísa Tavares e Hugo Oliveira, num concerto integrado no IX Festival de Música de Mafra. Em paralelo, é membro fundador do Banchetto Musicale Lusitania, grupo vocal e instrumental que se dedica à interpretação de música antiga. Em 2004, este agrupamento apresentou-se em concertos no território nacional e esteve, também, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora e em Tiradentes em concertos integrados no XV Festival de Música Colonial e Música Antiga de Juiz de Fora, Brasil. Em 2006 este grupo participou, a convite de Maria Cristina Khier, no Festival de Musique du Haut-Jura, França. O grupo fez ainda o concerto de abertura do X Festival Internacional de Música de Mafra. Participa em *master-classes* e cursos, dos quais se destacam os ministrados pelas can-

toras Sarah Walker, Mara Zampieri, José Oliveira Lopes, Elisabete Matos, Elena Nentwig, Dieter Schweickard, Helen Kwon e Lucetta Bizzi. Para breve tem a continuação d'A *Flauta Mágica* no Teatro Nacional de São Carlos.

MARCO ALVES DOS SANTOS > Licenciado em canto pela Guildhall School of Music & Drama, inicia a sua carreira como solista profissional em 2003 nos Jeunes Voix du Rhin (Opéra National du Rhin-França) onde dá vida, entre outras, à personagem de Tamino (*Zauberflöte*). Papéis posteriores incluem Tristão em *Le Vin Herbé* (Teatro Aberto), Leandro em *La Spinalba* (Casa da Música) Orphée em *La descente d'Orphée aux Enfers* (Fest. Vigo e Fest. Óbidos), Cavaliere em *La Donna di Genio* de M. Portugal (Faro), Don Ottavio em *Le Nozze di Figaro* e Gastone em *La Traviata* (Opera National du Rhin). Integrou o elenco de *The Nose* de Schostakovitch (dir. D. Renzetti) para o Teatro Nacional São Carlos (vários papéis), foi Der Narr em *Wozzeck* (dir. E. Inbal) para o Teatro Nacional São Carlos /Centro Cultural de Belém e Ernesto em *Don Pasquale* (Orq. do Norte). Do repertório sinfónico destacam-se concertos com a Orquestra Gulbenkian (dir. John Nelson), Remix Ensemble, Orquestra Metropolitana de Lisboa (dir. B. Shembri), Orquestra Sinfónica Portuguesa (dir. T. Netopil) e Orquestra do Algarve (dir. O. Ferreira). Outras performances incluem a *Petite messe solonelle* de Rossini, *Davide Penitente* de Mozart com a Orquestra Filarmonica das Beiras (dir. A. Lourenço) e *Domenicus Mass* de Mozart com a Orquestra do Algarve (dir. C. Costa), Fez parte do elenco de *Evil Machines* de T. Jones/L. Tinoco (S. Luiz). Recentemente foi Anthony em *Sweeney Todd* (D. Maria II/Teatro Aberto dir. J.P. Santos) e Nathanael em *Les Contes d'Hoffmann* para o Teatro Nacional São Carlos (dir. G. Büll)

ENRICO ONOFRI - direcção > Nasceu em Ravena. Estudou violino na sua cidade natal e em Milão. Desde muito cedo iniciou colaborações com diversos conjuntos barrocos italianos, em particular com Il Giardino Armonico do qual se tornou concertino e solista. Entretanto foi convidado por Jordi Savall como concertino da La Capilla Reial tocando com agrupamentos como o Concertus Musicus Wien, o Ensemble Mosaiques, o Concerto Italiano, entre outros. Em 2002, Enrico Onofri iniciou a carreira de maestro com grande êxito, tendo sido convidado por diversas orquestras e festivais por toda a Europa e Japão. Desde 2005 é maestro principal da orquestra Divino Sospiro (orquestra barroca em residência no Centro Cultural de Belém), e também maestro convidado da orquestra italiana Academia Montis Regalis. Desde 2005 fundou o *ensemble* Imaginarium, interpretando o repertório para violino dos grandes compositores italianos. Enrico Onofri já se apresentou nas salas de concerto mais prestigiadas, como Musikverein e Konzerthaus em Viena; Mozarteum em Salzburgo; Philharmonie e Unter den Linden Operahouse

em Berlim; Alte Oper em Frankfurt; Concertgebouw em Amsterdão; Teatro San Carlo em Nápoles; Carnegie Hall e Lincoln Center em Nova Iorque; Wigmore Hall e Barbican Hall em Londres; Tonhalle em Zurique; Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Chatelet em Paris; Auditório Nacional em Madrid; Oji Hall em Tóquio; Osaka Symphony Hall; Teatro Colon em Buenos Aires – e com artistas como Nikolaus Harnoncourt, Gustav Leonhardt, Christophe Coin, Cecilia Bartoli, Katia e Marielle Labèque. Muitos dos CD gravados por Enrico Onofri (Teldec, Decca, Astrée, Winter&Winter, Opus 111, Virgin, etc.) obtiveram os mais prestigiados prémios internacionais – Gramophone Award, Grand Prix des Discophiles, Echo-Deutsche Schallplattenpreis, Prémio Caecilia Cini de Veneza, La Nouvelle Academie du Disque, e ainda numerosos Diapason d'Or, Choc de la Musique, 10 de Répertoire des disques compact. Muitos dos seus concertos foram transmitidos ao vivo por estações de rádio da Europa, América, Ásia e Austrália. Desde 2000, Enrico Onofri é professor de violino barroco e interpretação de música barroca no Conservatório Bellini de Palermo. Tem sido convidado para leccionar *master-classes* em vários países europeus, entre eles a Itália.

DIVINO SOSPIRO

PRIMEIROS VIOLINOS STEFANO BARNESCHI, ISKRENA YORDANOVA, CARLO LAZZARONI, FRANCESCO COLLETTI, REYES GALLARDO, MARIA LUISA BARBON **SEGUNDOS VIOLINOS** LUCA GIARDINI, MARIA CRISTINA VASI, MARGARETA SANDROS, DENYS STETSENKO, FLAVIO AZEVEDO / **VIOLAS** MASSIMO MAZZEO, TERA SHIMIZU, LUCIO STUDER / **VIOLONCELOS** DIANA VINAGRE, ANA RAQUEL PINHEIRO / **CONTRABAIXO** FILIPPO CALASCIBETTA, MARTA VICENTE / **TROMPETES** STEVE MASON, ANTONIO QUITALO, RICCARDO FIGAIA, DAVID BURT / **OBOÉS** PEDRO CASTRO, LIDWEI DE STERKE, ANDREIA CARVALHO / **FAGOTE** JOSÉ GOMES / **TEORBA** PIETRO PROSSER / **TÍMPANOS** RICHARD BUCKLEY / **CRAVO/ÓRGÃO** MIGUEL JALOTO

“...soar como os melhores. Tal como o público, verdadeiramente entusiasmado, ficámos a suspirar por mais...” In *Público*

Fundada pelo músico italiano Massimo Mazzeo, a Orquestra Barroca Divino Sospiro nasce da vontade e reunião de alguns músicos portugueses e residentes em Portugal que, no decorrer dos anos, desenvolveram um trabalho de grande qualidade artística na área da interpretação da música antiga seguindo os princípios de fidelidade estilística e estética aos períodos barroco e clássico, propondo um repertório constituído por compositores do universo musical destes períodos artísticos. Numerosas foram as aparições públicas deste grupo musical, entre as quais a Festa da Música nas edições de 2003, 2005 e 2006, uma digressão a Itália que recebeu entusiástica atenção por parte do público e da crítica e festivais nacionais e internacionais como o Encontro de Música Antiga de Loulé, o Festival de

Música de Leiria, o Festival d'Île de France, concerto que foi gravado pela Radio France, Teatro Nacional de São Carlos, Folle Journée de Nantes, Folle Journée no Japão onde se estreou com grande sucesso de crítica e público que lhe dedicaram uma recepção de grande entusiasmo, Festival de Varna, Fevereiro Lírico em San Lorenzo de L'Escorial e o conceituado Festival d'Ambonay, onde o agrupamento, primeira orquestra portuguesa, teve a honra de actuar no concerto de encerramento. As actividades do agrupamento incluem a gravação ao vivo do concerto dedicado a W. A. Mozart (*Sinfonia K 550* e *Serenada Notturna K 239*) para a etiqueta japonesa Nippon. Esta gravação recebeu no Japão o galardão de *bestseller* e esteve várias semanas no topo de vendas nas maiores lojas especializadas daquele país. Divino Sospiro apresentou-se em concertos com algumas das maiores personalidades do panorama artístico a nível mundial, como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Enrico Onofri, Christophe Coin, Katia e Marielle Labèque, Christina Pluhar, Alexandrina Pendatchanska, Gemma Bertagnolli, Maria Cristina Kiehr, Vittorio Ghielmi, entre outros. Entre múltiplas acções, o Divino Sospiro desenvolve uma atenta actividade de aperfeiçoamento pedagógico e musical que teve como primeiros passos as *master-classes* de violino barroco orientadas pelos eminentes violinistas Chiara Banchini e Enrico Onofri, organizadas respectivamente em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional e com o Centro Cultural de Belém, e que continuaram, até hoje, no CCB, com a presença importante de Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Chiara Banchini e Alfredo Bernardini, Alberto Grazi, Vittorio Ghielmi. No Verão de 2007, a Universidade de Évora entregou ao fundador do agrupamento o mandato para organizar um curso de Verão na área da música antiga; este festival contou com a presença de alguns dos maiores nomes de sempre: Gustav Leonhardt, Maria Cristina Kiehr, Enrico Onofri, Alfredo Bernardini. Sempre na vertente educativa destaca-se o convite feito ao Divino Sospiro pela Reitoria da Universidade de Évora para a abertura de mestrado em interpretação com instrumentos antigos em colaboração com o departamento de música da UE. É actualmente orquestra em residência do Centro Cultural de Belém em Lisboa, sendo este facto de fundamental e recíproca importância para o desenvolvimento em Portugal de uma realidade artística de alta qualidade a nível internacional, e conta regularmente com a direcção de Enrico Onofri que aceitou o convite para maestro oficial deste agrupamento.

OFFICIUM > Fundado em Outubro de 2000 pelo seu orientador Pedro Teixeira, o grupo vocal Officium é um projecto que pretende dar primazia à interpretação de obras polifónicas de compositores portugueses dos sécs. XVI e XVII, dado o vastíssimo património existente – muito dele ainda por descobrir – ao nível da produção musical

MARATONA

BEETHOVEN'08

20 E 21 DEZEMBRO

SÁBADO E DOMINGO

CCB

FIDELIO

VERSÃO CONCERTO

**SÁBADO 20 DEZ.
21H**

JULIA JONES
**ORQUESTRA
SINFÓNICA
PORTUGUESA**
CORO DO TEATRO
NACIONAL
DE SÃO CARLOS

M/12

CONCERTO DE VIENA

DOMINGO 21 DEZ.

18H I PARTE M/6
21H II PARTE M/12

PEDRO CARNEIRO
**ORQUESTRA DE CÂMARA
PORTUGUESA**
CORO DA RÁDIO DA LETÓNIA

MARC MINKOWSKI
SINFONIA VARSÓVIA
CORO DA RÁDIO DA LETÓNIA

ARTUR PIZARRO
SERGIO TIEMPO
PIANO

COMPRE OS SEUS BILHETES
EM WWW.CCB.PT
E TRAGA OS BILHETES DE CASA